

# DA “FACE” ORIENTAL À “PESSOA” OCIDENTAL – O QUADRO DA IDENTIDADE NUM CONTEXTO MULTICULTURAL

*Miriam Vieira Branco*  
*Escola Secundária João de Deus*

## **Introdução**

A construção de identidades e o processo de socialização, num enquadramento monocultural já é hoje, em si mesmo, um processo complexo, dados os fenómenos de globalização, mundialização e comunicação de massas que colocam em interacção referências culturais de tão diversa proveniência que fazem da monocultura, como diria Pederson uma “mera referência nostálgica”. Mas quando este processo ocorre num tecido sócio-cultural balizado por uma cultura dominante, por via da Praxis administrativa, que não é, no entanto, a cultura que domina, por via da Praxis social, os resultados, em termos de exercício de socialização, são ainda mais complexos “obrigando” a diferentes cenários educativos e levando, naturalmente, à construção de diferentes “identidades” quer culturais, quer psico-afectivas.

Num contexto multicultural onde as duas culturas maioritárias em presença – a chinesa e a portuguesa representam formas opostas de entender o mundo, o conhecimento, o sujeito, já que uma das culturas é ainda globalizante, sintetizadora, intuitiva, iniciática e a outra racionalizante, assertiva, explicativa e individualista, educar e socializar vai ser de facto um desafio permanente para quem, via ensino oficial ou via ensino privado, procura estabelecer as regras de coabitação cultural, aceitar as variantes aculturadas e ainda assim manter a força das matrizes culturais de origem, no processo de adaptação e integração social.

Este ambiente multicultural, que vive a beirar a China sob uma administração portuguesa é um ambiente único, especial, onde nos podemos confrontar com uma outra Escola, uma outra forma de socializar, um outro quadro normativo, na construção das identidades.

## **A Cidade**

Falamos de Macau, cidade à beira rio, onde se encontra o Oriente distante feito do fascínio e exotismo que povoou sempre o imaginário colectivo do Ocidente mas onde se encontram tam-

bém referências sócio-culturais desse mesmo Ocidente, que fazem da cidade um espaço vivo de relacionamento multicultural onde, ao ritmo das diferentes comunidades que aqui habitam com os seus ritos e tradições, vive quase meio milhão de habitantes, num pequeno espaço de 21 km<sup>2</sup>.

Em Macau as ruas são correntes de gente, constantes mas tranquilas que reflectem a mistura das trocas e das convivências que fizeram da cidade repositório de diferentes tradições e comportamentos e que encontramos na paisagem arquitectónica híbrida, feita de ruas estreitas, becos, vielas, casas de traça tradicional ou de telhados com beirais e esquinas virados para cima, respeitando os princípios de ordenamento urbano do "feng shui", que acredita na influência benéfica das forças da Natureza quando se respeita, na escolha dos lugares, a configuração natural dessas mesmas forças; ou ainda feita de casas de traça colonial, com varandas e arcarias, coloridos de tom mediterrânico, calçada à portuguesa, memórias de uma história de confluência de culturas. A cidade expõe-se assim, lentamente ao olhar atento, nesta multiplicidade de formas e de espaços, feita também de coabitação étnica e sócio-cultural em contextos vivenciais que balancam entre a mística confucionista e os discursos subtis ou a racionalidade convincente e assertiva do discurso explícito e frontal, à moda do Ocidente.

Em Macau, o grupo populacional maioritário é de etnia chinesa e mesmo a população chinesa originária de Macau e possuindo nacionalidade portuguesa mantém, nos seus padrões de socialização, as componentes essenciais da cultura chinesa, pelo que a dimensão multicultural da cidade se manifesta necessariamente balizada pelas duas culturas dominantes, dando origem a celebrações, comportamentos, atitudes, valores, provenientes destas culturas e ainda das suas versões mais aculturadas – a variante cultural macaense e a variante da cultura chinesa de Macau.

Desta multiplicidade e diversidade que é profunda nas suas raízes epistemológicas, nas suas componentes sócio-culturais, resultam diferentes manifestações festivas, diferentes modos de aprender e ensinar, diferentes ambientes de aprendizagem, diferentes modos de inter-relação e convivência, diferentes expectativas, diferentes sistemas de comportamento, uma outra Escola onde a multiculturalidade é contexto e a tradição cultural é o paradigma epistemológico que determina as regras, as escolhas, os valores, a busca e a concretização do conhecimento.

É nesta Escola multicultural, mas onde a matriz chinesa marca todo o espaço de vivência educativa, que nos deparamos com um processo de socialização complexo onde a Face é substância e norma, uma outra "pele" obrigatória a juntar à Pessoa, psico-social, afectiva que se está a fazer, a construir, a ser.

## A Escola

A assumpção antropológica, crítica, de que não há um sujeito único e universal mas sim sujeitos contextuais e que os modelos de pensamento e os próprios fundamentos do discurso não são universais nem "exportáveis", vieram-nos ajudar a entender a legitimidade de todas as

diferenças e a procurar entrar nesta Escola multicultural de matriz chinesa, utilizando o “olhar recíproco” de que nos falam Eco e Pichon e fugindo do “autismo” que, ainda segundo eles, caracteriza a nossa relação de ocidentais face ao exotismo e desconhecimento do Oriente.

Em Macau, mais de 90% das escolas estão vinculadas a um sistema de ensino não oficial onde a referência cultural primeira é a cultura chinesa, onde a língua veicular é a chinesa, na sua variante cantonês e onde se educa e socializa a maioria da população escolar do território, utilizando o quadro normativo e epistemológico da cultura chinesa, a tradição educativa que põe a tónica no desenvolvimento de competências académicas mais do que nas competências de aprendizagem; e que usa estratégias tradicionais e tecnologia educativa em combinações que resultam, face às expectativas e finalidade do sistema e que vivencia a multiculturalidade como um quadro referencial que é necessário “moldar” em função dos paradigmas epistemológicos e normativos essenciais à cultura chinesa. A Escola de matriz cultural chinesa, multicultural na sua vivência, é uma escola onde o espaço físico é feito em função de uma ordenação geomântica, procurando a adequação entre as forças da natureza e a organização espacial, de modo a não perturbar a Harmonia e a conseguir as melhores influências benéficas para a concretização das expectativas e finalidades da Escola e onde as estruturas de liderança, com a sua Autoridade e Hierarquia se organizam no sentido confuciano, criando quadros de coordenação que são intrínsecos à própria substância do processo educativo já que, citando Yun Kim “a ordem social é imutável e o Indivíduo ajusta-se à Hierarquia e à Autoridade como sendo pulsões necessárias no todo cósmico”.

A Escola como veículo de educação é, no caso das Escolas de matriz cultural chinesa um poderoso veículo de perpetuação duma cultura que, apesar de tocada pelo fenómeno de aculturação, dado o contexto, se mantém fiel às suas tradições essenciais, no que diz respeito ao sentido cósmico, normativo e gnoseológico do quadro referencial que se constitui como seu enquadramento educativo. E é por isso que nesta Escola tudo tem um sentido, uma simbologia, uma intenção normativa essencial já que, ao estabelecerem-se regras de comportamento, que se pretendem interiorizadas na presença ou ausência do objecto de autoridade, se estão também a criar regras que são condição para a Acção e que vão constituir um contexto cognitivo específico da cultura chinesa, no qual os estímulos são integrados, valendo, essencialmente, pelo contexto que é em si uma condição essencial de toda a Acção. Neste contexto onde a estrutura normativa, o sentido do todo, do colectivo, determina o “entendimento” do estímulo está-se perante aquilo que Hall entende como um “contexto semanticamente rico”, isto é, um contexto em que os significantes ultrapassam os significados e onde o enquadramento se torna a fonte essencial no processo de desenvolvimento cognitivo já que, na progressão da capacidade de processar estímulos e condições, em simultâneo, as condições têm um peso essencial porque são a marca axiológica e epistemológica de uma cultura cósmica e envolvente da qual o indivíduo é parte integrante e responsável pela manutenção da continuidade num todo pré-definido onde a “consciência individual é só uma parte entre o Finito Diferenciado e o Infinito Indiferenciado”. Nesta Escola respira-se uma cultura milenar, car-

regada de simbolismo e o que parecem ser as tarefas e os ambientes “universais” face aos desígnios da aprendizagem, descobrem-se depois, numa outra leitura, com outros significados e necessariamente outros entendimentos. É que o silêncio, na sala de aula, não é expressão de desinteresse mas antes “o caminho para a virtude e o conhecimento”; e a ausência de frontalidade não é cinismo, mas respeito pela Harmonia e equilíbrio cósmicos; e a falta de fluência verbal ou ideológica é um “artifício” necessário para o cumprimento essencial da regra de obediência aos superiores; e o discurso não assertivo, flexível, é sinal de respeito pelo todo, pelo colectivo; e a submissão e a subtileza são marcas de força pessoal e não de fraqueza de atitudes.

E os nossos parâmetros de análise, o nosso olhar ainda que depurado, mostra-se tão falível quando, para lá das evidências, procuramos os simbolismos e procuramos o afastamento de nós próprios para nos entendermos na legitimidade do Outro, que nos confrontamos afinal com “permanentes paradoxos de equivalência” e é por aproximações de códigos que procuramos tocar, do ponto de vista analítico, esta realidade que se assume nas suas razões profundas, epistemológicas e axiológicas e que tentamos então desvendar à custa de aproximações, o que constitui o suporte intrínseco, essencial, deste modo de aprender e educar. E confrontamo-nos assim com uma estrutura educativa onde o quadro referencial é intrinsecamente normativo, feito de regras tradicionais, confucianas, acomodadas já, no entanto, às estratégias de desenvolvimento cognitivo que dão prioridade às capacidades de assimilação e memorização como ponto de partida essencial ao desenvolvimento de todas as outras competências, a começar pela competência linguística que exige, a partir dos 3 anos de idade, a capacidade de memorizar e reproduzir centenas e mais tarde milhares de caracteres. É que esta aprendizagem, base essencial de todo o posterior desenvolvimento cognitivo exige, de facto, um treino, um exercício, uma actualização e uma disciplina na assimilação e retenção de dados que a memória passa a ser a capacidade primeira de todo o processo de evolução e desenvolvimento cognitivo. E aqui se faz, de facto, a interligação do processo educativo e do processo de socialização que, nesta matriz chinesa e num contexto multicultural, se apresenta de facto como um processo complexo e polifacetado mas onde Escola e Família desempenham um papel fundamental já que são elas que mantêm viva a raiz cultural de origem que em sociedade se vai aculturando, à força das transacções implícitas a um processo de multiculturalismo.

### **A Socialização**

Neste ambiente multicultural, do ponto de vista das vivências quotidianas, marcado por uma matriz cultural forte e original, ao nível dos suportes e enquadramento educativo, mas aberto a alguma inovação estratégica no processo de desenvolvimento cognitivo, a socialização dos jovens chineses de Macau apresenta-se como, citando Samovar “uma realidade onde ocorre comunicação e os grupos são afectados pelas transacções dinâmicas que resultam do contacto”, obrigando a diferentes processos de assimilação, integração e identificação em

busca de uma identidade que se procura entre as regras de comportamento estritas e interiorizadas, as roupas de marca, as lojas de “Fast Food”, a música importada, as discotecas à moda ocidental e as expectativas de um comportamento submisso, subtil, feito de atitudes não directas, não primárias, não explícitas em função de um perfil desejado pela “micro-sociedade” vinculada à matriz original da cultura chinesa.

A procura de identidade psico-social e da correspondente identidade pessoal que caracteriza a fase de maturação sócio-afectiva da Adolescência dá-se, neste quadro sócio-cultural dos jovens chineses de Macau, de um modo aparentemente não conflitual, parecendo que as diferentes componentes “aculturadas” se enquadram na matriz cultural original, num processo de estruturação onde a identidade se constrói, multifacetada, a apontar o paradigma do Homem multicultural, num amplo leque de combinações possíveis onde se dá a continuidade da cultura de origem e se aceitam os comportamentos aculturados desde que os mesmos não ponham em causa, em termos essenciais, as expectativas de identidade psico-social e individual do padrão cultural original.

Em quatro escolas de matriz cultural chinesa tomadas como estudo de caso para uma investigação mais genérica do ponto de vista da epistemologia da educação, fez-se uma investigação específica no sentido de traçar o perfil cultural do adolescente, procurando obter a sua opinião sobre o modo como vivenciava a “monocultura” e a “multicultura” no seu quotidiano. Mais de 90% dos jovens inquiridos afirmaram ser a sua cultura a cultura chinesa e que as influências multiculturais só os afectavam “exteriormente”, isto é, em desempenhos não essenciais à sua realização intrínseca aparecendo esta afirmação de “identidade” como uma confirmação do *desejável* já que, mesmo no meio das crises de crescimento, o jovem chinês mantém o sentido do todo e do colectivo como dimensão essencial no processo de personalização.

A verdade é que o quadro referencial da cultura chinesa no seu sincretismo e envolvimento propõe normas provenientes da axiologia e da pedagogia confucionistas, completa-as com preceitos budistas e vai buscar à metafísica taoísta a restante dimensão de inteligibilidade necessária à compreensão do Todo, propondo ao sujeito na sua essência, existência e actualização um enquadramento de tal forma abrangente que a realização pessoal é sempre vivenciada em função do paradigma socialmente proposto.

O enquadramento teórico-sincrético que constitui o quadro referencial da cultura chinesa, propõe assim a construção de identidades que são, em termos essenciais, conformadas a este enquadramento, mas que se realizam, individualizam, actualizam padronizadas, nesta construção complexa, pelos Paradigmas da Face e da Pessoa, versão oriental e ocidental dos processos de construção do indivíduo, enquanto manifestação e ocultamento.

### Face e Pessoa na Construção da Identidade

Face e Pessoa opõem-se enquanto paradigmas de identidade e desafiam-se enquanto referências de construção do Eu, já que a Face se propõe como instância normativa essencial, sancionadora de comportamentos e intrínseca à própria substancialidade do sujeito, enquanto que a Pessoa se propõe um exercício de liberdade, em busca de uma humanidade que se constrói nesse mesmo exercício.

A Face, "lien", é uma forte instância normativa que aparece como imperativo no processo de desenvolvimento do Eu que só se reconhece no entendimento do Todo, do coletivo, já que a sua alteridade e o seu "completamento", enquanto sujeito, resulta da completa integração no Todo e da manutenção e preservação do equilíbrio cósmicos, essenciais ao processo de auto-realização do sujeito.

A Face, neste sentido intrínseco, essencial, é a um tempo substância e auto-realização e obriga a comportamentos que têm sempre, como quadro referenciador, a manutenção do Todo e que por isso prefere o "ocultamento", a "subtileza", a "submissão", a "ausência de frontalidade", a "não verbalização", porque é neste ocultamento do sujeito individual que ele encontra a sua realização plena.

Mas a Face, limitativa, substancial, pré-determinada, confronta-se com a proposta de autonomia do ser Pessoa e a identidade, neste quadro multicultural, torna-se o equilíbrio, a procura, a busca, a ponderação, entre as raízes fortes, profundas, essenciais, duma cultura milenar e os pontos de intersecção e troca que resultam desta confluência de culturas.

E assim a identidade que se pretendia normalizada, sequencial, regrada, incontestada do ponto de vista da matriz original, aparece balizada, apesar de tudo, por esta bipolaridade tensional que vai possibilitar identidades renovadas, transculturadas ainda que sempre marcadas pela força da cultura de origem.

Afinal, como diria Confúcio, "É preciso passar para lá da Natureza porque esta nos faz iguais mas a educação é que nos faz diferentes".